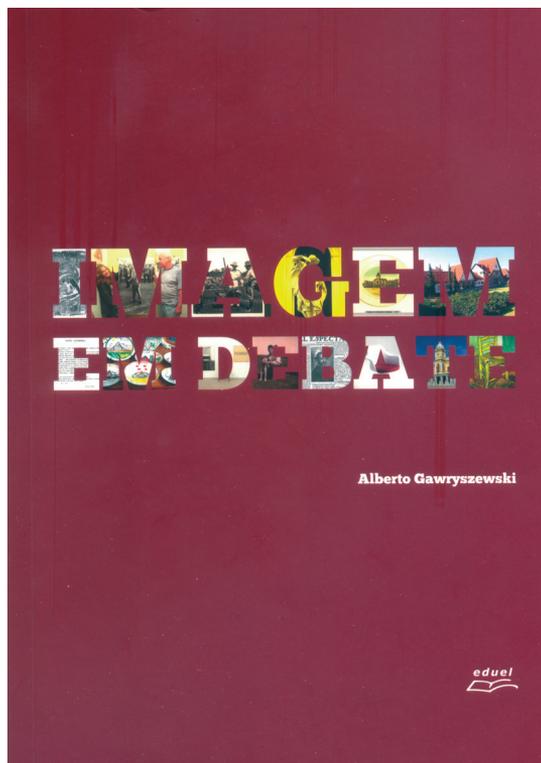


resenhas

**GAWRYSZEWSKI, Aberto. (Org.) *Imagem em debate*.
Londrina: Eduel, 2011.**

Ana Luiza Coradi

Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. Atualmente está no programa de especialização em Patrimônio e História pela mesma instituição.



Recebido em: 01/04/2012

Aprovado em: 30/04/2012

**GAWRYSZEWSKI, Aberto. (Org.) *Imagem em debate*.
Londrina: Eduel, 2011.**

Imagem em debate constitui-se em uma coletânea organizada a partir dos textos de conferências e mesas redondas apresentadas no II Eneimagem (Encontro Nacional de Estudos da Imagem), realizado em 2009, na Universidade Estadual de Londrina. A obra foi organizada pelo coordenador do Laboratório dos Estudos dos domínios da Imagem (Ledi/Uel), Alberto Gawryszewski.

Este livro surgiu da reunião de pesquisas feitas por diversos pesquisadores do país e do exterior, e os artigos que compõe o livro utilizam a imagem como objeto e/ou fonte de pesquisa, possibilitando ao leitor interessantes debates teóricos e historiográficos, assim como em outros campos do saber que refletem debates acerca da sociedade, cultura, política e ensino de História.

Esta resenha busca apresentar, de maneira sintética, cada um dos nove textos que totalizam a produção do livro *Imagem em debate*.

Imagens de um Brasil confuso: risos, deboches e livros didáticos de História do Brasil do século XX, realizado pela pesquisadora Juçara Luzia Leite, abre a gama de artigos presentes na obra. Neste artigo a autora analisa um livro didático chamado *História do Brasil pelo método confuso*, publicado em 1920, de autoria de Mendes Fradique. De acordo com Leite, o livro de Fradique configura-se em uma paródia dos livros didáticos brasileiros usados pelo Estado na época, que desconstruíam a História que

era ensinada oficialmente e a desmistificava didaticamente, pelo viés do deboche, do humor, e recorrendo, por este mesmo viés, ao uso de imagens. O contexto da publicação, segundo a autora, foi marcado pelo processo de nacionalização, encabeçado pelo Estado, que no âmbito escolar objetivava a constituição dos cidadãos e a inserção do mesmo pelo sentimento nacional. Mostramos que, através da leitura do livro *História do Brasil pelo método confuso*, é possível identificar uma alternativa de ruptura à narrativa histórica oficial, banalizando e debochando com humor e imagens, fatos históricos romantizados pela oficialidade.

O segundo texto da coletânea, *Representar a História através de imagens: entre a reconstituição e a analogia*, de Rafael Rosa Hagemeyer, oferece uma ampla análise acerca do conceito de representações de imagens no campo historiográfico. Para o autor, existem diversas formas de representações de imagens, diferentes metodologias e usos por historiadores que reconstituem processos históricos que levam a questionar os métodos de interpretação de imagens enquanto fonte de conhecimento histórico, além do desafio do historiador em representar seu conhecimento histórico por meio do emprego de imagens. Com a análise dos significados do conceito de “representação” e suas implicações e usos na História, é possível oferecer à mente humana condições de “imaginar” fatos e acontecimentos históricos, pois

imaginamos pertencer a relações sociais que são representadas por imagens que são difundidas em nosso imaginário, e o historiador intervém na imaginação histórica quando utiliza-se de gráficos, mapas e imagens para complementar o texto escrito e estimular a imaginação do leitor. De acordo com Hagemeyer

O que propomos como reflexão a respeito do uso de imagens pelo historiador, tanto em seu processo de análise como na exposição de suas conclusões é estabelecer uma distinção clara das representações da imagem histórica em três tipos: aquelas que capturam o acontecimento no instante em que ocorre, aquelas que procuram reconstituir o passado por meio da combinação de diversos fragmentos de época e aquelas que representam um processo temporal espacialmente mais amplo através do estabelecimento de uma leitura simbólica. (HAGEMEYER, p. 44-45)

O artigo seguinte, *A construção de uma nova visualidade urbana moderna na revista Madrugada*, de autoria de Charles Monteiro, trata de uma reflexão sobre o uso das fotografias na revista ilustrada *Madrugada*, Porto Alegre (RS), que era publicada na década de 1920. Em seu texto, Monteiro utiliza-se de autores que problematizam as imagens fotográficas da época, relacionando-as às novas formas de sociabilidades e às formas de representação da nova cultura urbana, o que era possível encontrar na publicação de *Madrugada*. O autor busca interpretar essas formas de representação dessa nova cultura urbana, e o contexto do período propunha uma atualização perante a tradição jornalística, pois com as transformações advindas das melhorias técnicas de impressão, expansão do público leitor e de revistas ilustradas, a fotografia foi inserida junto ao texto, sustentando a demanda por informação e entretenimento por parte das classes médias urbanas; assim a

fotografia passa a ser inserida na nova cultura visual, propondo uma nova pedagogia do olhar.

O artigo *Publicidad e imagem em la campaña presidencial colombiana de 1922*, de Darío Acevedo Carmona, mostra-nos uma reflexão sobre os usos de fotografias e caricaturas utilizadas pela imprensa, tanto liberal quanto conservadora, no período da disputa presidencial colombiana de 1922. Partindo da análise sócio-histórica do período, o autor demonstra que diversas cidades colombianas sofreram profundas transformações com a evolução do progresso. No aspecto político, estas transformações eram expressas na luta entre o partido liberal *versus* republicano pela disputa de eleitorado. Argumenta que a industrialização, alta do comércio e conjuntura da abertura política e cultural, geraram um processo que obrigou partidos e candidatos a usarem, como estratégia de captação de eleitorado, a adoção de novas técnicas de comunicação e de relações para aumentar e garantir seu eleitorado. Assim, Acevedo Carmona analisa as mudanças e as novidades no comportamento político dos partidos, dos candidatos e da população, e também sobre as técnicas e procedimentos empregados para conquistar eleitores e conseqüente respaldo na disputa eleitoral. Através da leitura do texto, constata-se que as imagens empregadas e seus usos são importantes fontes que testemunham esta nova relação no par candidato/eleitor, num momento em que os avanços tecnológicos e industriais estimularam o nascimento de uma atividade que combina desenho e projeto com a publicidade de novos produtos, um novo tipo de estratégia eleitoral, aliada à imprensa e com uso de imagens.

Na sequência da coletânea, Ana Maria Mauad, em seu texto *Olhos para ver e*

conhecer: fotografia e os sentidos da História, analisa o trabalho do jornalista Erno Schneider, com ênfase em sua foto-ícone “qual o rumo?”. De acordo com Mauad, tanto a evidência histórica quanto a imagem possuem investimentos de sentido, assim a fotografia é algo que proporciona a percepção, resultado de um saber fazer, que nos permite como pista, indício, documento e texto, conhecer aspectos e situações passadas. A partir do século XX, o sentido de evidência histórica sofre transformações que refletiram sobre os usos e funções que essa evidência exerceu nas sociedades em que foi produzida, gerando a busca por um novo sentido histórico. Para a autora, este deslocamento, fruto da revolução na consciência historiográfica, ampliou os sentidos na História, para entender que a visão registra em imagens suas experiências visuais. Conclui que o texto avalia o papel da fotografia como registro, documento, testemunho e agente da História. Mauad faz uma viagem desde os historiadores gregos até Copacabana de 2009, com a análise da foto-ícone de Erno Schneider, que resulta em três temporalidades, que entrecruzadas possibilitam a percepção das evidências históricas: tempo atribuído, tempo incorporado e tempo vivenciado.

Annateresa Fabris é responsável pelo artigo *Dois olhares documentais sobre a cidade: Eugène Atget e Martha Rosler*. Nele, a autora analisa dois empreendimentos documentais que utilizam a fotografia como documento e estratégia de trabalho: um sobre Paris e o outro sobre Nova Iorque. Fabris relata que o prefeito de Paris de 1853 a 1870, o barão Georges-Eugène Haussmann, realizou um intenso trabalho de demolição e reconstrução para modernizar Paris. Anterior às reformas do prefeito, Eugène Atget documentou Paris antes do projeto urbano do prefeito Haussmann ser posto em prática. Em

sua documentação, Atget observa e recupera, por meio de suas fotografias, a realidade parisiense condenada à extinção, ou seja, procura fotografar as atividades e a vida dos bairros populares. O tipo fotografado eram especialmente as profissões que tinham a rua como epicentro, e a marca de sua fotografia é a pose de seus modelos, os trabalhadores urbanos arcaicos.

O outro olhar documental analisado por Fabris é um ensaio da fotógrafa Martha Rosler, mostrando que naquele contexto da produção – 1970 – Nova Iorque passara por um intenso processo de reformas que viria modernizar os bairros deteriorados da cidade. Rosler dedica seu ensaio de vinte e uma fotografias à margem oriental de China Town e Little Italy, que se caracteriza pelo padrão neutro, ausência de indivíduos e ênfase na deterioração urbana. Para Mauad, apesar de terem produzido suas fotografias em diferentes épocas, ambos os fotógrafos analisados utilizaram-se de estratégias documentais que serviram para transformarem seus trabalhos em importantes documentos imagéticos de diferentes períodos da História.

Áureo Busetto, em *Imagens em alta definição: produção televisiva brasileira nos estudos históricos*, alerta para a negligência dos estudos históricos em relação à produção televisiva, que é considerada, pelo autor, um contemporâneo e amplo meio de comunicação social. Em seu artigo, Busetto demonstra a falta de interesse por parte da História por questões ligadas a um conjunto de relações culturais, sociais e políticas, que é produzido e lançado através da televisão, e analisa também o papel da historiografia para com a produção televisiva. O autor propõe que toda a produção áudio visual da história da televisão deveria ser analisada como objeto de pesquisa, inclusive a produção

televisa como fonte de pesquisa. Além disso, caberia ao campo da produção historiográfica aliar-se a pesquisadores de outras áreas, no intuito de criar um arquivo público com regras que democratizem o acesso aos arquivos das emissoras, já que, por enquanto, são apenas controlados pelo concessionário de canais.

O texto *Cultura material, arte e imagem na perspectiva dos museus*, de Claudia Eliane Parreiras Marques Martinez, traz-nos um estudo comparativo que engloba a análise de três museus: Museu de Londrina, no Paraná; Museu de Artes e Ofícios, em Minas Gerais; e o Museu Paulista. O questionamento de Martinez é sobre as imagens produzidas por acervos de museus e de quais percepções e usos a sociedade faz dessas representações, criadas por acervos e exposições museológicas. Segundo Martinez, as exposições museológicas, em seus diversos modelos (permanentes, temporárias) possuem a capacidade de produzir imagens no imaginário coletivo e/ou individual da sociedade que as abriga, gerando uma linguagem visual. Sob esta perspectiva, a autora analisa possíveis divergências e cruzamentos entre o Museu Histórico de Londrina e o Museu de Artes e Ofícios, ambos em atividade nas antigas estações ferroviárias das respectivas cidades. Em seguida, a autora compara o acervo de Londrina com o do Museu Paulista, que são acervos de museus universitários, cada um a seu tempo, construindo e consolidando identidades. A autora conclui que os museus produzem imagens que tocam os imaginários da sociedade, que transformam o espaço museológico em local de interação e transformações entre diferentes etnias.

Finalizando a coletânea, temos o artigo texto de Isaac Antonio Camargo, *Imagem: Representação versus Significação*. A partir de um objeto corriqueiro, a cadeira, o autor faz uma distinção no universo das imagens sobre conceitos de representação e significação. Os meios de se constituir imagens ampliaram a gama de significação que elas geram, e a construção contínua e intensa de objetos faz com que o indivíduo aumente sua possibilidade de criar significações. Por meio desta análise, Camargo conclui que significação é o modo como compreendemos o mundo natural e cultural, enquanto que significar é relacionar nossas informações obtidas pelas nossas relações com coisas que observamos, conhecemos e produzimos, dando sentido ao mundo em que vivemos.

Por fim, consideramos que a publicação de *Imagem em debate* contribui para fomentar importantes debates sobre os estudos da imagem, inseridos e pertencentes aos domínios dos vários campos do saber. A coletânea constitui-se em um interessante panorama de pesquisas que tem como epicentro a imagem, seus usos, representações, seu testemunho como fonte histórica e objeto histórico. A leitura do livro permite expandir o conhecimento em torno das reflexões e análises que a imagem possibilita, revelando um campo amplo e complexo para infinitas pesquisas.

